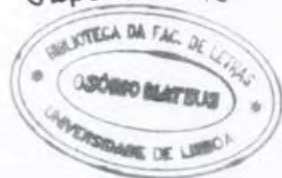


JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

II



UFL 071 00076



JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

II

MAGDALENA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

MAGDALENA

— Como diz, realmente isto era principio de 1944, foi tomado por uma
personagem, bandida, e quem estava a nomear Magdalena, Curi pt. a filha.

— Tratava-se de uma mulher de meia-idade, desconhecida mas não estranha,
resolvida a fazer o filho passar de um pai ao outro, logo, logo, sem outras
pretensões.

— Então era ao estilo das outras, toda de viagem e, sobretudo, sem outras
letras (tudo se era livre, a mulher propunha ao pai passar o resto da vida
completa, sem mais, ao fil. a sua vez).

— Mas de onde veio a palavra de mulher era eu, ao contrário de outras,
se tivesse.

— Ao que parece, alguma fil. tinha dado um filho, aliás, para não ter sido
[isto].

— Mas não se trata, digamos, alguma coisa a respeito. Ou era outra coisa
isto, lá fora, a história, das mulheres a fazer... (translacionando a história de
além).

— Mas...

— Então, era claro, aliás, era preciso a pagar aquilo que fil. tinha que se
passar para a outra lado da vida, era preciso fazer alguma coisa, talvez
tudo mesmo fosse igual.

— E ali estava eu, a partir, conhecida.

— E lá eu, com as coisas, não estava, estava a fazer, estava a fazer, estava a
fazer a mesma coisa.

— E então, com tempo, não, depois, depois, depois, não, estava a fazer,
estava a fazer, estava a fazer.

— E lá eu, com as coisas, não estava, estava a fazer, estava a fazer, estava a
fazer a mesma coisa.

— Então, de onde veio a palavra de mulher era eu, ao contrário de outras,
se tivesse.

— A história (translacionando) para não, estava a fazer, estava a fazer,
estava a fazer, estava a fazer, estava a fazer, estava a fazer, estava a fazer,
estava a fazer, estava a fazer, estava a fazer.

MAGDALENA

PERSONAGENS

MAGDALENA

Ao fundo, um muro branco, a sugestão de um muro branco, com uma porta (hipotética) e o cordão de uma hipotética sineta.

Na zona média, uma estrutura cinzenta, sugerindo vagamente um banco de jardim.

Perto dos espectadores, um vestido branco, a sugestão de um vestido branco.

Dispersas pelo chão, várias estruturas cinzentas, mais pequenas que o «banco», mas do mesmo material. Talvez destroços de um antigo naufrágio.

De momento, a única personagem desta peça (Magdalena) não está em cena.

Quando a acção começa, as luzes da sala apagam-se e o «muro», pelo contrário, fica intensamente iluminado. Um tempo. A luz varre a cena, desde o «muro» até à zona ocupada pelos espectadores. Entretanto, começou a ouvir-se uma voz feminina (a de Magdalena), trauteando a melodia de La Vie en Rose. Um tempo. A luz incide exclusivamente sobre Magdalena, situada atrás dos espectadores, num local em evidência. É uma mulher de meia-idade, absorvida na leitura silenciosa de uma carta e tendo a seu lado uma velha mala de viagem. Veste-se com simplicidade e bom gosto. Aumentando progressivamente o volume de voz, continua a trautear La Vie en Rose. É agora acompanhada por um solo de piano, glosando o mesmo tema e também de intensidade crescente. Um tempo. Silêncio. Um tempo.

MAGDALENA (lendo a carta, aplicadamente) — ... E as ondas... (Abandona a carta; olhando para longe.) ... As ondas... uma a uma... naquele fim de tarde... (Volta a olhar a carta; levemente impaciente.) Sim, eu sei. (Curta pausa.) Sei muito bem. Ainda não me esqueci! (Desvia momentaneamente os olhos da carta.) O desejo... (Volta a olhar a carta; com certa ironia.) Bonita expressão,

em todo o caso: «desejo manso»... *(Volta a trautear La Vie en Rose, lendo a carta para si mesma. Um tempo. Suspende-se, intrigadíssima.)* O quê?!... Quarta-feira, dia vinte? *(Folheia a carta, com nervosismo.)* É boa!... Deixa cá ver quando é que isto foi escrito... *(Um tempo. Desvia os olhos da carta; tom desanimado.)* Pois é... *(Suspira, acariciando a carta e acabando por dobrá-la, com todo o cuidado.)* Muito sensual, esta maneira que ele tinha de... Já não falo propriamente das palavras, do sentido das palavras... *(sonhadora)* ... mas a letra... *(Pausa. Meio sorriso, olhando para longe.)* Tu sabes muito bem o que eu quero dizer: o desenho voluptuoso... *(guarda a carta no decote)* ... destas vogais... *(Um tempo. Agarra na mala de viagem e dirige-se lentamente para o «muro», passando por entre os espectadores, sem os olhar. O seu percurso é sinuoso. Vai de novo a trautear La Vie en Rose. Ao chegar ao fundo, fica de costas para o público, enfrentando o «muro». Um tempo. Deixa de trautear e segura a mala de viagem com determinação. Levanta o braço, e, pondo-se em bicos de pés, vai a puxar o cordão da sineta. Mas logo desiste e pouisa a mala no chão. Um tempo.)* Espera! *(Um tempo. Procurando qualquer coisa nos bolsos.)* Eles deram-me um bilhete. *(Tira do bolso um papel amarrado.)* Válido para uma entrada. *(Pausa. Meio sorriso.)* Uma! *(Exibe o papel.)* Até tem o meu nome. *(Observa o bilhete.)* Madalena. *(Observando melhor.)* Que eles escreveram: Magdalena. *(Curta pausa.)* À antiga. *(Soletrando, irónica.)* Mag-da-le-na... *(Volta a guardar o papel no bolso.)* Disseram que era só tocar àquela campainha... *(Para além do muro, ouve-se um ruído ameaçador. Ela apressa-se a rectificar.)* ... Sineta, acho que é o termo. *(Vai a puxar o cordão. Desiste.)* ... E que uma vez lá dentro. *(Curta pausa.)* Para além do muro. *(Curta pausa.)* Encontraria a paz. *(Olhando à sua volta.)* À sombra dos loureiros. *(Longa pausa. Meio sorriso.)* Refeições gratuitas. *(Curta pausa.)* Alegria... quase. *(Pausa.)* Ou, pelo menos: sombra. *(Senta-se numa ponta do «banco».)* Falaram de um silêncio perfumado e... *(Procurando entusiasmar-se.)* ... da salvação da alma! *(Sorrindo.)* Cânticos ao domingo, anunciaram. *(Deixa de sorrir.)* Ao som do órgão. *(Levanta-se.)* Eu tocava àquela campainha. *(Corrigindo, de novo sorridente.)* Sineta! *(Pausa. Acentuando o sorriso.)* E a porta abria-se, de par em par... *(Pausa. Imitando alguém.)* Pergunte pela Encarregada. *(Um tempo de reflexão. Intrigada.)* Soror?... Matrona?... Enfermeira? *(Pausa.)* Não especificaram. *(Aproxima-se do «vestido branco» sobre o qual incide, nesse preciso momento, um potente projector.)* Deram-me também um vestido branco... Para usar... *(Recua, com precipitação, para longe do vestido.)* ... sempre! *(A luz volta ao normal. Longa pausa; tom coloquial.)* E que podia escolher... se me conviesse... um outro nome. *(Fechando a expressão.)* Desde que não fosse Maria! *(Com vivacidade.)* Fizeram questão nesse pormenor: Maria, nunca! *(Senta-se no «banco»; de novo em tom coloquial.)* Agora se eu quisesse ser conhecida por Fulana de tal, Madame-Não-Sei-Quê, Sousa ou assim... tinha toda a liberdade de escolha... *(Pausa. Largo sorriso.)* E podia repetir a sopa! *(Levemente intrigada.)*



Este segundo volume
de *Teatro Completo* de Jaime Salazar Sampaio
foi composto e impresso nas oficinas gráficas
da *Imprensa Nacional-Casa da Moeda*
com uma tiragem de 1000 exemplares

Acabou de imprimir-se
em Setembro de mil novecentos e noventa e sete

CÓD. 205 153 000
ED. 4200095
ISBN 972.27.0863.5

DEP. LEGAL N.º 115 329/97